



A quebra do estereótipo de criminoso em “Abusado: o dono do morro Dona Marta”¹

João Victor da Silva Simião²

Ana Flávia CÓL³

Centro Universitário Unicesumar, Maringá, PR

RESUMO

Este artigo tem como finalidade analisar a forma como o jornalista Caco Barcellos constrói a imagem do traficante Juliano VP no livro “Abusado: o dono do morro Dona Marta”. Em um primeiro momento, apresentam-se teorias do jornalismo, do *new journalism* e dos estudos culturais para, depois, aprofundar-se na análise da construção da identidade do personagem na obra. Em seguida, analisam-se trechos do livro, à luz da técnica da análise de conteúdo, e realizam-se inferências. Por fim, discute-se a construção de um livro-reportagem, que se utiliza de técnicas de romance, para (re)construir fatos, contar histórias e (re)construir indivíduos.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; estudos culturais; *new journalism*.

1 INTRODUÇÃO

O jornalista trabalha com a informação. Em redações de jornais, sejam elas de veículos impressos, radiofônicos ou televisivos, esses profissionais têm a função de levar as notícias e os fatos importantes para a população. Além disso, a função desses profissionais é, também, transmitir essas informações de maneira neutra. Isto é, sem influenciar quem as recebe. Entretanto, segundo Bucci (2000), não existe imparcialidade no jornalismo. De acordo com ele, todos sabem que a “objetividade é redondamente impossível” (BUCCI, 2000, p.92), mas que, mesmo assim, acreditam nela, inclusive a sociedade.

Existe uma razão para que a neutralidade não seja encontrada nos profissionais da comunicação. Conforme Bucci (2000, p.90), “cada um é moldado por suas próprias

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Estudante de Graduação do 4º ano do Curso de Jornalismo da UniCesumar, email: contatojoaovictor@uol.com.br.

³ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UniCesumar, email: anaflaviacol@gmail.com.



crenças religiosas, suas ideologias políticas, suas identificações étnicas e culturais, sua preferência sexual, e não há como fugir a isso”.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Pena (2005) afirma que cada profissional da comunicação tem as próprias ideias que influenciam diretamente na atividade jornalística.

Ao reportar uma notícia em um veículo jornalístico, o repórter entrega uma mensagem ao indivíduo. Essa mensagem é carregada de objetividade e subjetividade. A objetividade, isto é, a forma contar os fatos como são, nasceu no começo do século XX, época em que o jornalismo vivia uma crise e uma ciência era necessária para “curar” o jornalismo (LIPPMANN, 1922 apud TRAQUINA, 2012). Traquina afirma que

Os jornalistas chegaram a acreditar na objetividade porque queriam, porque precisaram, porque eram obrigados pela simples aspiração humana de procurar uma fuga de suas próprias convicções profundas de dúvida e incerteza. [...] Os jornalistas substituíram uma fé simples nos fatos por uma fidelidade às regras e as processos criados. (2012, p. 140-141).

Com o passar do tempo, os jornalistas perceberam que não há como fugir daquilo que está dentro de si, isto é, a subjetividade. Conforme Pena, cada indivíduo carrega sentimentos dentro de si, como preconceitos, ideologias, interesses e outros. Por isso a objetividade foi/é buscada (2005, p.50).

Para Bucci (2000), a busca pela objetividade, que necessariamente passa pela subjetividade, gera a intersubjetividade. Ele afirma que

A melhor objetividade no jornalismo é então uma justa, transparente e equilibrada intersubjetividade. Quando o jornalismo busca a objetividade, está buscando estabelecer um campo intersubjetivo crítico entre os agentes que aí atuam: os sujeitos que produzem o fato, os que o observam e o reportam, e os que tomam conhecimento do fato por meio do relato. (2000, p. 93-94.).

A partir da intersubjetividade, o produto jornalístico, ao emitir significados, entre outras coisas, pode criar ou recriar identidades dos personagens que são retratados. A partir disso, pode-se realizar a mudança de paradigma ou reforçar o *status quo*.

Segundo Pena, “estereótipos produzem estereótipos, em um ciclo interminável” (PENA, 2005, p. 94). Partindo do pressuposto acima, é possível afirmar que o jornalista pode realizar a mudança de estereótipo ou não. Cabe a ele decidir o que pode – e deve – ser feito e publicar o que, em seu ponto de vista e pensamento, é o coerente.



Kellner (2001), a partir dos estudos culturais, afirma que a mídia é “o lugar grupos sociais e ideologias políticas travam batalhas pelo controle da sociedade” (2001, p. 10). Vale ressaltar que a imprensa compõe a mídia. Portanto, essa batalha ocorre dentro do jornalismo.

Além de carregar em si a própria subjetividade, e produzir estereótipos – mesmo sem querer - o jornalista vive em diversos conflitos. Tais conflitos podem ser: de interesse, por exemplo: entre a pauta que ele quer produzir x pauta que o editor pede que ele faça; ou de ideologia (socialista x liberal); ou de classe (patrões x empregados). Exemplo: Se o repórter de uma determinada empresa é ideologicamente mais à esquerda, a partir de uma informação de que o governo irá aumentar a participação na economia, ele pode produzir uma reportagem falando sobre a importância de o Estado comandar as conjunturas econômicas. Já o patrão dele, caso esteja à direita do espectro político, pode querer ver no próprio veículo uma reportagem sobre o mesmo assunto, mas com um viés diferente: algo como a interferência do Estado na mão invisível que regula a economia, que, não visão dele, pode ser prejudicial.

Por vivermos em uma sociedade capitalista, muitas empresas jornalísticas visam apenas o conteúdo mercadológico e não a relevância social de uma determinada notícia. Não é raro percebermos que, em muitos veículos, deixa-se de lado o que realmente é importante e relevante para a sociedade para agradar a outros interesses do patrão.

Por isso, muitas vezes, o jornalista não pode realizar o que, de fato, gostaria de produzir, já que, em muitos casos, o veículo em que ele trabalha não permite. Dessa maneira, ao querer produzir a notícia a partir daquilo que acredita, o profissional da notícia deve alternativas para fugir das “amarras” da redação.

Uma alternativa ao jornalismo “amarrado” das redações – isto é, o convencional, o produzido cotidiano e rotineiramente - é o jornalismo literário (PENA, 2006). Mas, de acordo com o autor, esse gênero não se limita a isso:

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro reportagem. [...] Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2006, p. 13).

Dessa forma, o jornalista pode exercitar novas formas de reportagens. As seis perguntas que devem ser respondidas no primeiro parágrafo podem ser esquecidas. Isso,



portanto, traz liberada ao jornalista. Traz, também, uma nova perspectiva em se tratando da produção de reportagens.

Dentro do jornalismo literário existem diversos formatos. Um deles é o romance-reportagem. Nesse gênero, o jornalista utiliza-se de recursos da literatura para construir a sua reportagem. Não existe ficção. O que existe é a mistura de fatos com elementos literários. Em outras palavras, utiliza-se técnicas de romance na construção dos fatos, mas tudo é verdadeiro (PENA, 2006, p. 103). O romance-reportagem pode ser chamado, também, de livro-reportagem. Segundo Lima, o livro-reportagem tem “[...] um papel específico, de prestar informação ampliada sobre os fatos; situações e idéias de relevância social, abarcando uma variedade temática expressiva” (2009, p.1).

Conforme o autor supracitado, o jornalismo literário contribuiu para o livro-reportagem moderno (LIMA, 2009). Vale destacar que muitos jornalistas utilizaram ou utilizam-se das técnicas de romance para a construção do livro reportagem. Dentre eles, os americanos Tom Wolfe, Gay Talese e Truman Capote, e o brasileiro Caco Barcellos. Os três primeiros são referências do jornalismo literário, pois consolidaram o chamado *new journalism* nos Estados Unidos nas décadas de 1960 e 1970. O último, por conta dos seus dois livros publicados, “Rota 66” e “Abusado”, tornou-se referência na produção de livros-reportagens que utilizam técnicas do *new journalism*.

Neste trabalho, busca-se compreender a “romantização” do personagem Juliano VP e a quebra do estereótipo do bandido. Para isso, neste artigo, além de discutir o jornalismo literário com autores da área, Kellner (2001) será utilizado como base para a análise de identidade, pois, segundo ele, a partir da cultura da mídia, a visão de mundo e os valores mais profundos são modelados, assim como a escolha daquilo que é “bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral” e dessa forma reiterar relações vigentes de poder ou fornecer material para identidades de resistência e luta (2001, p.09 e 10).

Ainda neste autor, iremos discutir se houve a construção de uma nova identidade para o criminoso.

Por fim, como metodologia, utiliza-se a análise de conteúdo para realizar inferências ao texto para compreender o que foi proposto no parágrafo anterior. Para isso, Fonseca Júnior (2006) será utilizado como referência.

2 O LIVRO DE CACO BARCELLOS



Em 2003, o jornalista gaúcho Caco Barcellos lançou o livro “Abusado: o dono do Morro Dona Marta” pela editora Record. Entre outros prêmios, a obra levou, em 2004, o Jabuti, entregue pela Câmara Brasileira do Livro, na categoria Reportagem e Melhor Livro do Ano de Não Ficção. O livro-reportagem, de mais de 500 páginas, conta a história do traficante Marcinho VP, retratado no livro como Juliano VP, um criminoso que esteve à frente, durante muitos anos, do Comando Vermelho – facção criminosa que surgiu no fim dos anos de 1970 no Rio de Janeiro, existente até hoje e que comanda pontos de droga na cidade fluminense. A obra se passa, principalmente, na favela Santa Marta, localizada no morro que leva o mesmo nome, no Rio de Janeiro.

Por contar e trazer ao grande público a história de um criminoso, pode-se afirmar que o jornalista, utilizando-se de uma técnica diferente de reportagem – neste caso o romance-reportagem - trouxe uma história maior e mais detalhada se comparada àquilo que é apresentada todos os dias em um jornal impresso, ou mesmo um telejornal de 45 a 60 minutos.

2.1 O JORNALISMO LITERÁRIO E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE EM “ABUSADO”

Conforme retrata no livro, para escrever “Abusado”, o jornalista conversou com moradores da favela e com diversos criminosos, entre eles o personagem principal da obra. Conforme Lima (2009), isso é característica típica do jornalismo literário:

Como o propósito-motiz do jornalismo literário é a compreensão da realidade, só há uma maneira de um bom repórter aquilatá-la melhor: mergulhando na própria. O autor precisa partir a campo, ver, sentir, cheirar, apalpar, ouvir ambientes por onde circulam seus personagens. [...] o auto de livro-reportagem [...] deve empregar-se (SIC), em princípio, de tudo aquilo essencial a seu tema, das pessoas que vivem a realidade que escolheu retratar. (LIMA, 2009, p. 373).

Essa não é a primeira vez que Caco produz um trabalho com temas diferentes do que são exibidos cotidianamente e explora assuntos apresentando a visão de quem não está do lado hegemônico da sociedade. Em 1992, após anos de investigação sobre os crimes cometidos pela Polícia Militar de São Paulo, Barcellos publicou “Rota 66: a história da polícia que mata”. Nesse livro, ele mostra que, muitas pessoas assassinadas pela Rota (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar), eram inocentes, ou não tinham nenhuma prova de acusação contra elas.



Mesmo antes de lançar “Rota 66”, o repórter já havia feito reportagens sobre temas mais sociais para as revistas “Veja” e “Istoé”, além de reportagens com o mesmo cunho para a Rede Globo de Televisão, emissora em que atua desde a década de 1980.

Na história de “Abusado”, o objetivo é contar a história do chefe do tráfico da favela Santa Marta, no Rio de Janeiro. Entretanto, ao invés de apenas buscar o senso comum e reforçar o estereótipo do traficante, que seria algo como vendedor de droga e assassino, Barcellos descreve a criação de Juliano na favela, os envolvimento amorosos, ascensão dele como um importante criminoso no local onde vivia, além de outras informações.

Para construir a obra, Caco utiliza-se de técnicas do *new journalism* (jornalismo literário), para contar a história dele e dos moradores da favela.

Logo no início, o jornalista cria um clima de suspense e ação no livro:

No Fiesta é forte o cheiro de enxofre e sangue. Careca acelera fundo, mas solta as mãos do volante. Tenta proteger a cabeça com os dois braços erguidos, encostados ao rosto. O Fiesta sem controle aponta para a direita e mergulha na nuvem azulada. Sobe a calçada, atropela uma lixeira da Comlurb, bate no poste de concreto e pára. A colisão quebra a base do poste, que não chega a cair, mas rompe um fio de alta tensão e desarma a rede de energia. Dez ruas do bairro ficam às escuras. As rajadas do inimigo não param. Pardal, sentado junto à porta traseira direita, salta pela janela e fica caído na calçada. Paranóia tenta a fuga impossível. Baixa o máximo que pode a cabeça, segura firme a arma com as duas mãos e com o ombro direito força a abertura da porta de ferro retorcido. Sai do carro cambaleando quando alguém grita para acionar o gatilho do G-3. (BARCELLOS, 2014, p. 16).

Ao descrever detalhes da cena, cheiros e utilizar de linguagem mais próxima ao informal, o jornalista utiliza-se de técnicas de narrativas de romances e foge dos padrões normalmente utilizados em periódicos factuais. Por isso, ao ler o excerto acima, o leitor está ambientado ao local e consegue criar imagens mais ricas na própria imaginação. A apresentação dos fatos, por meio do jornalismo literário, deve ser cativante (LIMA, 2009).

Na obra, o jornalista gaúcho relata a vida de Juliano VP e da ascensão dele no Comando Vermelho. Além disso, o repórter traz aspectos pessoais da vida do criminoso. Entre esses aspectos estão o gosto dele por leituras de textos escritos por pessoas como Ernesto Che Guevara.

Segundo Schneider (2007), por conta do conteúdo do livro, “o repórter foi acusado de transformar um bandido em herói e até mesmo de fazer apologia do crime organizado” (2007, p. 50).



Ao se refletir sobre a acusação, deve-se caracterizar, portanto, as identidades dos personagens apresentados no livro. A partir daquilo que a mídia expõe todos os dias, acredita-se que o traficante é uma figura ruim, má e sem compaixão ou intelecto. É o estereótipo dado a esse tipo de criminoso. Ao mostrar que se Juliano se encantou quando descobriu livros de filosofia e que gostava de ouvir música clássica (BARCELLOS, 2014, p. 381), Caco traz uma nova visão e quebra o estereótipo do bandido iletrado da classe baixa.

Essa visão estereotipada do traficante vem sendo construída e reforçada há anos pela imprensa. Segundo Kellner: “A identidade na sociedade contemporânea é cada vez mais mediada pela mídia que, com suas imagens, fornece moldes e ideias para a modelagem da identidade pessoal.” (2001, p. 317). Ainda segundo o autor, os meios de comunicação de massa fornecem modelos de pessoas:

A mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o senso de classe, de etnia e raça [...] e ajuda a modelar a visão prevalecente do mundo os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral. (KELLNER, 2001, p. 09).

A partir do pressuposto acima, em se tratando de estereótipos de leitores e ouvintes de música clássica, pressupõe-se que, quem tem esse gosto mais “fino” vive ou vem de classes mais abastadas, ou estudou nas melhores escolas e universidades. Por conta dessa imagem construída, dificilmente crê-se que um traficante possa, também, ter o gosto cultural “refinado”.

Em se tratando das críticas recebidas por conta do livro, que, segundo Schneider (2007), afirmavam que o jornalista transformava o bandido em herói, vale ressaltar outro aspecto que contribuiu para a “romantização” de Juliano VP: a humanização do traficante proporcionada pelo jornalismo literário.

Segundo Lima, “a humanização é uma marca distinta do jornalismo literário” (LIMA, 2009, p.359). Conforme o autor:

Toda boa narrativa do real só se justifica se nela encontramos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado, com a extensão necessária e com a lucidez equilibrada onde nem os endeusamos e nem os vilipendiamos. Queremos antes de tudo descobrir o nosso semelhante em sua dimensão humana real, com suas virtudes e fraquezas, grandezas e limitações. (LIMA, 2009, p. 359).



Portanto, esse gênero foge das amarras do *lead* encontrado no jornalismo factual (PENA, 2006) e traz aspectos quase nunca utilizados em grandes veículos de comunicação. Aspectos que não são apresentados, ou por falta de tempo/espço, ou pela própria ideologia do veículo, visto que não existe imparcialidade no jornalismo.

A humanização quebra o estereótipo (LIMA, 2009), seja qual for o personagem, visto que busca o que há de real nele.

2.3 OS ESTUDOS CULTURAIS E A MÍDIA COMO CONSTRUTORA DE IDENTIDADE

Por conta do que é exibido nos diversos meios de comunicação – rádio, TV, internet, livro, jornais e outros – a identidade é construída. A mídia pode contribuir para a democracia ou não, promover o racismo, o preconceito de sexo, de raças e outros (KELLNER, 2001). Por outro lado, segundo Kellner, além de reforçar o *status quo*, a mídia pode fornecer material para identidades de resistência e luta (2001, p.10).

Por isso, neste trabalho, utilizamos os estudos culturais, a partir da leitura do autor supracitado, para compreender a construção da identidade de Juliano VP. Utiliza-se esta teoria por que o personagem de “Abusado” está descrito em um livro – portanto, um produto da indústria cultural.

Segundo Kellner (2001), “os estudos culturais delineiam o modo como as produções culturais articulam ideologias, valores e representações de sexo, raça e classe na sociedade, e o modo como esses fenômenos se inter-relacionam”.

Diferentemente dos estudos da Escola de Frankfurt, que considerava as produções dos meios de comunicação como massivas e os receptores, passivos, os estudos culturais afirma que existe a possibilidade de acontecer momentos “críticos e subversivos nas produções da indústria cultural [...]” (KELLNER, 2001, p.45).

“Abusado” pode ser um exemplo disso. Entre outros motivos, pelo fato de quebrar o estereótipo do traficante apenas como criminoso, e por ser público em forma de livro. Por conta das reportagens exibidas tradicionalmente pela mídia, vê-se apenas o bandido como alguém ruim, sem coração e que vive no crime pelo prazer de matar/roubar.

No livro do jornalista gaúcho, essa imagem é desfeita. Em “Abusado”, Juliano VP é retratado como um líder no morro, interessado nos problemas sociais da favela, com o objetivo de realizar uma “revolução social”.



Ou seja, dessa forma, a construção da identidade do criminoso é diferente da comum. Em outras palavras, a obra mostra o lado “humano” de Juliano VP.

3 ANÁLISE DA OBRA

A partir da análise de conteúdo descrita por Fonseca Júnior (2006), algumas palavras-chave foram selecionadas para a compreensão da construção de identidade de Juliano VP.

Diferentemente de outras formas de análise, a de conteúdo “ocupa-se basicamente com a análise de mensagens [...]” (FONSECA JÚNIOR, 2006, p.286).

O objetivo deste trabalho, como já dito anteriormente, é compreender de qual maneira o estereótipo do traficante foi quebrado. Para que isso fosse feito, a obra foi lida pelo pesquisador e, a partir dessa leitura, alguns temas foram criados para análise de conteúdo. São eles: o desenvolvimento intelectual, o compromisso social e o ideal revolucionário. Esses temas foram selecionados porque, na visão do autor deste artigo, mostram a quebra do estereótipo do criminoso. Como o objetivo deste trabalho é analisar, à luz dos estudos culturais, a responsabilidade da mídia como meio de criação de identidade, crê-se que os temas escolhidos encaixam-se na proposta.

A partir do próximo tópico, temas são analisados e inferidos, conforme Fonseca Júnior (2006) sugere.

3.1 O ENVOLVIMENTO INTELECUTAL

Deixando-se de lado o estereótipo de traficante, vemos em Juliano VP algumas características que o diferem de outras pessoas. Na obra de Caco Barcellos, descobrimos que ele tinha envolvimento intelectual, tanto com livros quanto com intelectuais.

Certa vez, quando estava no meio da mata para realizar um ataque surpresa a inimigos, disse, em espanhol: “El fator surpresa, entendes?” (BARCELLOS, 2014). O motivo para isso foi “a leitura de um livro sobre a guerrilha foquista de Che Guevara. [Juliano VP] Ficou tão influenciado pela leitura que queria empregar algumas táticas com o seu grupo” (BARCELLOS, 2014, p.39).

Neste momento, ao se imaginar a imagem de um criminoso leitor dos textos do argentino, pode-se perceber que, diferentemente de outros bandidos, este está, no



sentido intelectual, mais capacitado que outros. Ele não é apenas alguém que comete crimes. É alguém que se interessa por um líder revolucionário.

Intelectuais também se envolveram com Juliano VP. Segundo Barcellos (2014), ele se encontrava com essa classe para debater ideias e, quem sabe, encontrar caminhos diferentes para a vida dele e pessoas próximas a ele.

Um dos primeiros convidados foi Paulo Lins, autor do livro “Cidade de Deus”. Juliano queria ouvir dele e de outros escritores propostas para retirar os jovens do perigo de morrer por causa do tráfico de drogas (BARCELLOS, 2014, p.408).

O traficante também manteve contato com o ex-baterista do grupo O Rappa, Marcelo Yuca. Ele queria que o músico criasse na favela onde viva o mesmo projeto criado no morro do Vidigal, em que ensinava percussão para crianças carentes. Marcelo Yuca se tornou amigo de Juliano, mas não criou o projeto, para não vinculá-lo ao tráfico (BARCELLOS, 2014, p.408).

Juliano também conheceu o Mano Brown, líder do grupo de rap Racionais Mc’s. O traficante o considera como “revolucionário dos pobres” (BARCELLOS, 2014, p.409).

Outros dois intelectuais que tiveram relações com VP foram Walter e João Moreira Salles. Filhos de uma tradicional família de banqueiros, ambos mantiveram relações próximas ao traficante. João era documentarista. Em um determinado momento, durante a produção de um documentário sobre a guerra entre grupos rivais, entrevistou Juliano. E ele foi mais além. Disse que, se Juliano abandonasse o tráfico de drogas, daria uma mesada a ele. A mesada de mil dólares foi dada a Juliano durante três meses.

As interlocuções com os intelectuais mostram que, de certa forma, Juliano gostava dos relacionamentos com eles. Como manteve diálogo com alguns deles, o estereótipo do criminoso à escuridão do mundo, dos pensadores, do conhecimento, é quebrado. VP pode não ter acrescentado nada ao pensando dos intelectuais. Mesmo assim, foi ouvido.

3.2 O COMPROMISSO SOCIAL

Quando assumiu a gerência de uma boca na Santa Marta, Barcellos escreve que Juliano era uma espécie de diplomata. Segundo o jornalista, ele



Dialogava com as lideranças do morro, ouvia as queixas dos jovens do samba, contava longas histórias para os mais idosos, brincava de empinar pipa com as crianças, visitava as creches, rezava nas duas igrejas católicas, freqüentava terreiros de umbanda, participava de algumas mesas de carteadado e adorava estar disponível para atender aos diversos pedidos da comunidade, sobretudo quando eles vinham das mulheres a quem confiava com mais frequência o relógio que ele dizia ser idêntico ao de Che Guevara. (BARCELLOS, 2014, p.209).

Agora, tem-se a construção da imagem de um homem com preocupação do bem-estar dos moradores do local onde atua. Por meio do texto, não dá para descobrir o porquê de ele usar um relógio semelhante ao de Ernesto Che Guevara. Entretanto, o que pode ser interpretado a partir da leitura é que, de alguma forma, Che significava alguma coisa para ele – assim como significou e significa para muitos jovens.

Quando o criminoso manteve contato com o ex-baterista do grupo O Rappa para a criação de um projeto, Marcelo falava para Juliano sobre o problema do tráfico para os jovens. Em contrapartida:

Juliano manifestava o desejo de algum dia abandonar o crime, mas argumentava que sua geração tinha um papel a cumprir no morro. Sabia do risco de morrer a qualquer hora, mas tinha esperança de vencer a fase difícil e virar uma espécie de herói dos favelados. Acreditava que os jovens precisavam de sua liderança e que a vida na comunidade seria pior e sobretudo mais violenta se o chefe fosse outro. E fez uma revelação a Yuca. - Meu sonho é fazê uma revolução dentro do Comando Vermelho, pôr em prática o lema da paz, justiça e liberdade dentro de meu morro. (BARCELLOS, 2014, p.408.)

A partir do trecho acima, nota-se a percepção de Juliano sobre a “responsabilidade” dele na favela. Para o criminoso, ele tinha uma missão a cumprir. Percepção essa que pode ser sentida quando se tem a consciência de classe. Lukács (1974, apud MENDES 2011), ressalta o papel da consciência no processo histórico. Para ele, o conhecimento de cada um como participante de uma classe implica no conhecimento da sociedade. Dessa forma, cada um compreende a luta que existe. (MENDES, 2011, p.96).

Mais uma vez, a quebra do estereótipo do criminoso é quebrada, visto que Juliano VP tem a consciência de classe.

3.3 O IDEAL REVOLUCIONÁRIO



A palavra revolução, por si só, carrega significados de ruptura. Por meio da palavra, é nos acionado à memória para movimentos como a Revolução Francesa, Revolução Industrial e, mais recentemente, a Revolução Cubana.

A partir da palavra revolução, tem-se, portanto, a ideia de ruptura: ruptura de ideias, de governo ou de qualquer outro tipo.

Em “Abusado”, Juliano VP, em alguns momentos, comenta sobre revolução ou temas relacionados. Algo relacionado à revolução tem nome e sobrenome no livro de Caco Barcellos: Ernesto “Che” Guevara de la Sierna.

Nascido em 1928, o argentino ficou mundialmente conhecido como Che Guevara após ser um dos líderes da Revolução Cubana. Ele foi guerrilheiro, político, escritor e médico. Ao lado de Fidel Castro, ajudou a derrubar a ditadura de Fulgencio Batista, que permaneceu na ilha entre 1952 e 1959.

Em 1º de janeiro de 1959, ao lado de outros guerrilheiros, tomou o poder em Cuba. Diferentemente de outros líderes, quis difundir os ideais da revolução socialista em outros países. Em 1967, morreu assassinado na Bolívia.

Entretanto, o mito “Che” tem sobrevivido aos anos. Uma fotografia de Alberto Korda foi espalhada em todo o mundo, fazendo com que ele se tornasse um ícone mundial para a juventude e para quem queria, de alguma forma, realizar alguma mudança.

Os ideais de Guevara chegaram ao morro Dona Marta. Em “Abusado”, em quatro momentos, Juliano VP, de alguma forma, o citou. Duas dessas formas já foi exposta neste trabalho. Uma, quando Barcellos fala sobre o relógio que Juliano afirma ser idêntico ao que o líder revolucionário utilizava (2014, p.209). Em outro momento, Barcellos escreve Juliano VP ficou tão influenciado pela leitura de um livro de Che que queria empregar algumas táticas de guerrilha no grupo que comandava (2014, p.39).

Durante a produção de um documentário sobre a guerra entre grupos rivais, o documentarista João Moreira Salles entrevistou Juliano, como já foi explicitado anteriormente. Na entrevista, o criminoso usou “um boné idêntico ao de Che Guevara e falou durante duas horas, de frente para a câmera, sobre a sua visão sociológica do tráfico na favela” (BARCELLOS, 2014, p.411).

A entrevista não foi usada no documentário. Entretanto, esse tipo de produto é de massa. Logo, Juliano sabia que iria atingir muitas pessoas e usou, conforme Caco, um boné semelhante ao de Guevara e falou sobre o tráfico da favela em uma visão sociológica. Com isso, crê-se que o criminoso tinha a consciência de função que tinha



no local onde vive e sabia que algo deveria ser feito para mudar a realidade social em que ele e outras pessoas estavam inseridos.

Quando estava foragido na Argentina, Juliano se comunicava com os companheiros dele pela internet. Em um bate-papo, usou o codinome Gue, “abreviação do nome do seu ídolo guerrilheiro Che Guevara” (BARCELLOS, 2004, p.490).

Aqui, o jornalista gaúcho deixa claro que o ídolo guerrilheiro do criminoso é Guevara. Mais curioso ainda é o local onde Juliano estava: Argentina, o país onde Che nasceu.

Ainda sobre revolução, conforme retratado no livro de Barcellos (2014), Juliano queria instaurar a paz e a justiça dentro do Comando Vermelho, como disse para Yuca (BARCELLOS, p. 408). Por conseguinte, nos morros comandados pelo grupo.

Ao se compreender o papel de Che Guevara na história do mundo, percebe-se que, apesar de todas as outras funções desempenhadas por ele, a que mais chama a atenção é a de revolucionário. É essa, portanto, que atrai o interesse de Juliano VP. E como um “revolucionário”, o traficante tem por objetivos em mobilizar pessoas em busca algo comum. Na visão dele, os meios usados pelo CV (sequestro, tráfico de drogas, roubos e outros) eram importantes para se chegar a uma nova ordem. Ordem essa que seria alcançada por meio da revolução social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Marcinho VP morreu em 2003, jogado em um lixo junto com os livros dele. Ou seja, até o no fim da vida, tinha algo diferente: livros. Ele foi um criminoso diferente, de vida diferente. Apesar de ter crescido em condições desfavoráveis, sabia a importância de ter bom relacionamento com os seus comandados e com os intelectuais que, de certa forma, poderiam auxiliar a busca pela revolução social.

Essa busca pela revolução social não nasceu do nada. Ela veio por meio das leituras que ele fez de um livro de Che Guevara. Veio, também, do papel que ele desempenhou na favela e no Comando Vermelho. Como líder, VP sabia que tinha uma função a exercer. Por isso, deveria estar sempre a um passo à frente dos outros.

Em relação à “romantização” do personagem, não se pode culpar Caco Barcellos. Como Lima (2009) afirma, essa é uma característica do jornalismo literário, técnica empregada pelo jornalista gaúcho na composição do livro. Além disso, o personagem em si é diferente de outros possíveis: apesar de criminoso, conhece as



ideias de Che Guevara; mesmo cometendo crimes, tinha consciência de classe e visava mudar a realidade onde vivia. Se para o bem ou para o mal, a leitura de cada um é que indica.

Além disso, a partir dos estudos culturais de Kellner (2001), percebe-se que Barcellos quebrou o estereótipo do criminoso. Utilizando-se de um livro – portando, da mídia – o jornalista construiu uma identidade diferente daquela há muito apresentada sobre criminosos.

Em síntese, o que Barcellos fez foi pesquisar a fundo e contar uma história. A história de um ser humano como outro qualquer. Ou quase.

5 REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Caco. **Abusado: o dono do morro Dona Marta**. 25. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Córrea da. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 280-303.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: Edusc, 2001.

LIMA, Edvaldo Pereira de. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4.ed.rev. e amp. Barueri: Manole, 2009.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

MENDES, Bruno Moretti Falcão. O problema da reificação em História e Consciência de Classe de Georg Lukács. In: VII Seminário de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar, 2011, São Carlos. **Anais eletrônicos...** São Carlos, 2011. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/~sempgfil/wp-content/uploads/2012/05/brunomendes1.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2014.

SCHNEIDER, Sabrina. **A ficcionalização do real no livro-reportagem Abusado: o dono do morro Dona Marta, de Caco Barcellos**. 2007. 104f. Dissertação (Mestrando em Teoria da Literatura) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. 3.ed.rev. Florianópolis: Insular, 2012.